

## POR UM JORNALISMO ALÉM DA TÉCNICA

Tatiana Carilly Oliveira Andrade<sup>1</sup>

### RESUMO

Partindo da polêmica da suspensão da obrigatoriedade do diploma do jornalismo para o exercício profissional, esse artigo tem como objetivo discutir o avanço da técnica e tecnologia e sua relação indissociada com o Jornalismo e o ensino desse ofício na atualidade, à luz das ideias de autores que colocam em questão o sentido que o homem atual vem dando à técnica e tecnologia, ao saber jornalístico e a formação desse profissional.

**Palavras-chave:** Técnica, tecnologia, jornalismo, ensino.

### ABSTRACT

Based on the controversial suspension of the mandatory diploma for professional journalism, this article aims to discuss the state of the art and technology, and its relationship with the undissociated currently Journalism teaching, based on the ideas of authors who analyze the sense that man has given to current technology, the knowledge and training of journalistic professional

**Keywords:** Technique, technology, journalism, teaching.

“O jornalismo está em crise de valores e de identidade, e, pelo jeito, o seu ensino também está sendo questionado e menosprezado(...) Assim como o jornalismo, as escolas de jornalismo também estão em crise de identidade e objetivos. Existem, mas não sabem muito bem para que servem ou como ensinar um ofício em constante evolução”. (BRASIL, 2007, p. 184)

Em 2009 o Supremo Tribunal Federal(STF) suspendeu a obrigatoriedade do diploma de jornalismo para o exercício da profissão. Na seção que julgava o assunto, as profissões de jornalismo e a de cozinheiro foram comparadas na tentativa de demonstrar que ambas apresentavam características semelhantes ao ponto de deduzir que a não exigência do diploma para o cozinheiro exercer sua profissão poderia ser pensada também para o profissional do jornalismo. A comparação foi feita com finalidade de demonstrar que o jornalismo seria um ofício técnico, cuja prática poderia ser aprendida no dia-a-dia do fazer jornalístico, não havendo necessidade de um curso de graduação para tanto.

---

<sup>1</sup>Aluna do curso de doutorado em Educação do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu da Pontifícia Universidade Católica de Goiás.

Acerca dessa comparação, três anos antes dessa decisão, sem desmerecer a profissão de cozinheiro, o autor Roberto Seabra, fez de forma didática e pedagógica uma analogia entre a prática de cozinhar e a jornalística. Porém, ao contrário do que o STF apresentou, sem realizar recortes que pudessem favorecer ou não interesses acerca de exigência de uma formação em nível superior específica para o desempenho profissional, Seabra (2006) considerou não só as semelhanças, mas também, a existência de diferenças entre as duas profissões:

“A começar pela matéria prima. O cozinheiro lida com produtos estáveis (vegetais, temperos, carnes), enquanto o jornalista lida com produtos instáveis. Nenhum acontecimento é igual ao outro, o que faz que o trabalho do profissional de imprensa não seja o de apenas “misturar ingredientes”, mas de pensá-los e ponderar sobre a importância de cada um deles, publicando o que considerar importante e ou interessante para o público do veículo no qual trabalha. O problema é que nem sempre o que sai na imprensa é o mais importante, do ponto de vista do interesse público. Muitas vezes, o interessante, mesmo que desimportante, merece mais espaço do que o importante, taxado de desinteressante”. (DUARTE, 2006, p.107)

O jornalista João Roberto Piza acrescenta que o lócus universitário ainda é o lugar mais adequado para pensar sobre o saber jornalístico. Nesse ambiente acadêmico é possível refletir sobre a informação fora do calor das rotinas produtivas das redações e tentando compreender a técnica envolvida em todo o processo de produção de notícias além de uma visão meramente instrumental. Segundo ele,

O papel do jornalista no Brasil não é a de qualquer cidadão, pois para o exercício da profissão é necessária a reflexão sobre a informação, tarefa difícil no cotidiano das redações e cuja aprendizagem, de modo adequado e intransferível, ainda é adquirida no curso superior de jornalismo, do qual não se pode abrir mão. Data Vênia, ainda mais sob o distorcido argumento de que a exigência do diploma é violador dos direitos dos cidadãos. (PIZA, 2008, p. 98).

Em agosto deste ano de 2012, o senado aprovou a Proposta de Emenda à Constituição, Nº 33 de 2009, também conhecida como PEC dos Jornalistas, que torna obrigatória a obtenção do diploma no curso superior específico de jornalismo para o exercício da profissão. No entanto, o desfecho dessa história ainda está por vir, já que a proposta deve ser ainda votada na Câmara dos Deputados. Vale lembrar que na história

dessa profissão não é a primeira vez que o curso superior em Jornalismo é colocado em questão. A esse respeito, o jornalista e professor Carlos Chagas faz o seguinte alerta:

No fundo, pretendem os inimigos do diploma evitar o que passou a acontecer após a obrigatoriedade, o desembarque nos jornais de uma categoria já forjada nas salas universitárias, unida e cônica de seus deveres e de seus direitos, disposta a não se curvar as imposições não raro ditadas por interesses econômicos, políticos ou pessoais. Como, da mesma forma, pronta a reivindicar salários dignos e condições elementares de trabalho. Escolhendo jornalistas como se colhem frutos no pomar, de acordo com o gosto de cada um, os donos de jornal ficam mais à vontade para exercer a ditadura de suas idiossincrasias. (CHAGAS, 2008, p. 135).

Essa questão de exigência ou não do diploma de jornalismo para o seu exercício apresenta explicitamente um viés político-econômico em que de um lado encontram-se representantes do poder público, jornalistas práticos e grandes empresas de comunicação, e de outro os jornalistas graduados em Comunicação Social - habilitados em jornalismo - e o meio acadêmico que se dedica a sua formação. Trata-se de uma luta que passa por interesses diversos que vão desde a reserva de mercado para a categoria, cuja graduação específica em Jornalismo garantiria ao público informação de qualidade e de interesse público até a defesa de uma suposta democratização da informação, com a liberação de qualquer profissional de outra área atuar nesse campo da Comunicação Social. Porém, esse artigo não tem a pretensão de levantar bandeira contra ou a favor do diploma de jornalismo, mas, sim, partindo das considerações apresentadas pretende-se então discutir o saber jornalístico, tentando demonstrar como esse campo vem sendo constituído, principalmente, levando em conta os impactos do avanço tecnológico na profissão do jornalista e no ensino desse ofício. Seria então, o jornalismo uma profissão meramente técnica que dispensasse uma formação verticalizada e sólida por meio de conhecimento adquirido em curso superior específico de Comunicação Social – Jornalismo? Será que o avanço técnico/tecnológico está mudando de fato o saber jornalístico e o seu ensino?

O autor de *Mídia e Modernidade* John Thompson (1998) desenvolve uma teoria social da mídia e de seu impacto, mostrando como o seu desenvolvimento, que passa pelas técnicas e tecnologias da informação vem modificando a constituição do espaço e do tempo da vida social, criando novas formas de ação e interação. Segundo ele, é fato

que a indústria da imprensa<sup>2</sup> só foi possível a partir do desenvolvimento da tipografia por Gutemberg. Esse avanço técnico permitiu que informações manuscritas que circulavam com a finalidade de incrementar o desenvolvimento do comércio e do meio urbano durante a Idade Média ganhasse periodicidade e maior alcance do público devido ao aumento do número de exemplares. Posteriormente, a tecnologia radiofônica permitiu que as notícias, matéria- primas do jornalismo, tivessem um alcance ainda maior do público, situado tanto no espaço das cidades, quanto no meio rural, inclusive, atuando como principal fonte de informação em meio a grande parcela da população ainda analfabeta.

Com a invenção da televisão o alcance do público torna-se ainda maior e conforme os avanços tecnológicos ocorrem nessa área a difusão de notícias e informações antes regional passa a ter amplitude nacional e até internacional. Com o desenvolvimento da internet já se pode falar em transmissão jornalística em tempo real, planetária e interativa.

Esses veículos de comunicação- o impresso, o rádio, a TV e a internet - se tornaram possíveis graças ao avanço científico e tecnológico. E o jornalismo, um ofício que se constituiu e vem ampliando o seu poder de forma extremamente dependente do desenvolvimento dessas técnicas da informação sofreu e sofre inúmeras reconfigurações a fim de se adaptar a cada um deles e a cada novo avanço técnico desses meios.

O geógrafo e professor Milton Santos (2005), entendendo a história como um processo evolutivo se remete a Kant a fim de assinalar uma relação entre progresso histórico e progresso da técnica indicando que “a cada evolução técnica, uma nova etapa histórica se torna possível.” (p.24, 2005). Além disso, o autor aponta para a novidade de que pela primeira vez na história da humanidade um sistema de técnicas – as técnicas da informação –“envolve o planeta como um todo e faz sentir, instantaneamente, sua presença. As técnicas características do nosso tempo, presentes que sejam em um só ponto do território, têm uma influência marcante sobre o resto do país, o que é bem diferente das situações anteriores”. (p.25, 2005). Levando em conta a indissociabilidade

---

<sup>2</sup> Imprensa se refere à produção de notícias em um espaço público. Ela está situada no interior da mídia e sendo assim ambas se influenciam mutuamente. Já a mídia engloba além de informações /notícias outras manifestações culturais que se voltam mais ao entretenimento tais como: novelas, filmes, desenhos, shows, entre outros. (PENA, 2005)

entre jornalismo e técnica pode-se dizer que na época atual a cada evolução da técnica/tecnologia da informação se abre a possibilidade para uma nova etapa histórica do jornalismo. Nessa perspectiva, o saber jornalístico e o seu ensino encontra uma condição de possibilidade<sup>3</sup> de pensamento também jamais vista na história do homem.

Diante dessa revolução técnica pela qual o homem atual passa que espaço o jornalismo dependente da técnica da informação vem ocupando na sociedade? E a partir disso como vem se configurando o jornalismo e o seu ensino na atualidade? Numa análise superficial pode-se observar no campo jornalístico técnicas com meras finalidades instrumentais, se passando por simples meios de transmissão. Porém, deve-se atentar para o alerta que o filósofo e crítico da técnica moderna Heidegger (2002) faz acerca da técnica. Em seu texto “A Questão da técnica”, o autor recorre aos gregos para mostrar as fragilidades do pensamento moderno sobre a técnica, nos convidando a descobrir a essência da técnica.

Segundo ele, na Grécia Antiga o conhecimento se dava pelo desencobrimento do que já estava dado, buscava-se então revelar a essência do objeto. Para os gregos, o homem não se separava da natureza. Além disso, havia também uma compreensão originária tanto para a natureza (*physis*) quanto para os produtos da *poiêsis* (cultura), os artefatos. Para cada *poiêsis* havia uma *techné*, termo que dará origem ao que hoje entendemos como técnica e tecnologia. Dentro dessa perspectiva, o mundo já tinha um projeto, em que natureza e artefatos possuíam um propósito e um significado já definidos, antes de qualquer intervenção humana. Ao homem, então caberia descobrir o que já estava dado. Vale destacar também que nessa época de muitos deuses, onde os valores sociais estavam de acordo com toda uma mitologia, todas as descobertas passavam pelo julgamento desses deuses, fato que provavelmente também poderia impossibilitar o surgimento de novos pensamentos acerca da técnica.

Uma nova configuração desse pensamento pode ser observada na Idade Clássica ou Cartesiana (séc. XVII) em que foi possível uma ciência e uma técnica, sem o

---

<sup>3</sup>O filósofo Michel Foucault (1999) ensina em sua obra *As palavras e as coisas* que há condições de possibilidade de pensamento ou conhecimento para cada época. Porém, cabe ao pesquisador perceber as rupturas no saber a fim de indicar a existência de novos saberes. A modernidade parece apresentar novas condições de possibilidade de pensamento com a invenção das Ciências Humanas e o desenvolvimento do sistema de técnicas da informação, possibilitando uma evolução da mídia nunca antes ocorrida na humanidade.

impedimento divino, que na busca de uma verdade se apoiou então na quantificação, planificação, ordenação, classificação, categorização. Desta vez, o homem já separado da natureza e apoiado no desenvolvimento das ciências passa a utilizar a técnica como meio para controlar a natureza. A professora e pedagoga Joana Peixoto (2012) em seu texto intitulado “Compreender a técnica” aponta para o quanto a ciência baliza a técnica desde a Idade Clássica e acrescenta que desde então “a técnica, fundamentada na ciência se converte em poderosa força material, que afeta cada vez mais nosso modo de ser, a vida cultural e as formas de sociabilidade.” (p.12).

Nessa perspectiva, o homem atual, na crença de ser o senhor da natureza e não de parte integrante da mesma, apoiado por um avanço científico e tecnológico nunca antes vivido na história da humanidade, tem a ilusão de dominar a natureza. O pensamento que na cultura helenística emergia do produto, agora passa a ser construído. O homem se colocou no lugar de Deus e a essência<sup>4</sup> da técnica ensinada pela civilização grega foi esquecida. Nesse contexto, tudo passou a ser dispositivo para controlar, inclusive os sistemas: a família, a escola, a religião, a mídia, a política, a economia.

O grande problema é que o homem parece ter se deixado encantar demais pela técnica. De fato seu avanço vem sendo surpreendente e os seus aspectos positivos parecem hipnotizar e sobrepor qualquer aspecto ruim advindo da técnica. O homem atual sequer consegue imaginar sua vida sem a existência da técnica. A valorização da técnica na atualidade está exatamente nessa concepção de que ela nos protegeria da fragilidade da natureza. A partir desse olhar há uma promessa, que ainda não foi cumprida, de que a técnica resolveria os problemas advindos da natureza. Essa visão sobre a técnica está marcando o pensamento moderno. A natureza é marcada pela técnica e tudo nela é algo a ser controlado.

Ainda segundo Heidegger (2002), o homem moderno encantado pela técnica tem a ilusão de que domina todo o planeta por meio da técnica. Isso passa a ser considerado como progresso e bem estar. Mas, a verdade é que ele já está sendo dominado pela técnica. O homem se separou da natureza e na constante tentativa de dominá-la acabou sendo aprisionado por ela, tornando-se a cada dia mais um refém passivo de suas forças. Sendo assim, a tecnologia que nos liberta é a mesma que nos aprisiona. Quanto a esse

---

<sup>4</sup>A essência da técnica é o que realmente ela é e não sua representação. “A técnica não é igual a essência da técnica”(HEIDEGGER, 2002, p.11).

perigo esse filósofo já havia nos alertado. Ainda segundo ele, a questão da técnica não é a técnica e o desencobrimento que rege a técnica moderna é “uma exploração que impõe à natureza a pretensão de fornecer energia, capaz de, como tal, ser beneficiada e armazenada” (p.19).

Assim faz-se necessário que o homem atual perceba e dê sentido à técnica levando em conta que ela não é natural, mas sim resultado da ação humana. Ela é sempre artificial. Deve-se então tomar cuidado para não naturalizarmos a técnica. A questão não está em a técnica ser positiva, negativa ou neutra. Podemos dar exemplos dessas três distintas situações. O problema é que a compreensão da técnica buscada numa trajetória histórico e filosófica nos revela um processo de massificação, maquinização, exclusão da consciência do humano e impossibilidade do despertar do ser. E esse problema advém também do sentido que atribuímos à técnica nessa relação do homem com ele mesmo e com outro homem.

O homem faz parte da natureza e ao tentar se separar dela por meio da técnica se desequilibra e gera problemas contra ele mesmo. Seguindo o pensamento de Heidegger, o filósofo e professor Franz Josef Bruseke (2001) em sua obra “A técnica e os riscos da modernidade” nos alerta para o perigo acerca da falta de percepção do homem atual do que está além da técnica, que é a exploração e o controle do ser humano e o esquecimento do ser. A técnica colocada como meio e finalidade traz consequências irreparáveis à condição humana e à existência do ser. Para Bruseke, Auschwitz, Stalingrado, Hiroshima e Nagasaki são apenas os primeiros anúncios das consequências de esquecimento do Ser, na técnica moderna. Nessa perspectiva, pode-se afirmar que o grande problema da técnica é que estamos esquecendo do ser. Em conferência intitulada “Heidegger e a Questão da técnica”, o professor e filósofo Wanderley J. Ferreira Jr analisando a relação do homem, técnica e natureza na atualidade deixa a seguinte reflexão “Chegamos tarde para Deus e muito cedo para o ser”. (Informação verbal<sup>5</sup>)

Essa concepção instrumental da técnica pelo homem moderno está impregnada no saber jornalístico atual. Por meio dela constroem-se diariamente discursos, ficções da

---

<sup>5</sup>Professor e filósofo Wanderley J. Ferreira Jr proferiu, no dia 17 de setembro de 2012, a conferência “Heidegger e a Questão da técnica” aos alunos do Programa de Pós-graduação Stricto Sensu em Educação da PUC-GO na disciplina Educação e Comunicação – Sociedade, Tecnologias e Educação ministrada pela professora Joana Peixoto.

vida real, se oculta a realidade. Por trás dos veículos de comunicação arma-se toda uma classe hegemônica detentora de poder econômico e político que monopoliza a informação, pauta toda uma sociedade e difunde sua ideologia a favor de sua manutenção. Nessa perspectiva a promessa de uma democratização da informação por meio de dispositivos técnicos como a TV, internet, por exemplo, não passa de uma promessa não cumprida, utopia. O que ocorre de fato é o uso desses dispositivos para controlar grande parte da população. Acerca disso, FREIRE e GUIMARÃES (1984, p.14) relatam que “o problema é perguntar a serviço de quê e a serviço de quem os meios de comunicação se acham. E esta é uma questão que tem a ver com o poder e que é política”.

Nesse contexto o espaço do jornalismo na atualidade como bem aponta o jornalista e professor Felipe Pena (2005) é o público. Porém, essa concepção de espaço público está longe de discutir interesses de uma coletividade, como ocorria, por exemplo, na ágora da Grécia Antiga. O filósofo Jurgen Habermas (2003) em sua obra Mudança Estrutural da Esfera Pública mostra como a burguesia se apropriou desse espaço público para defender seus interesses privados. Assim o que se percebe hoje é que esse espaço público tornou-se espaço de exposição e de visibilidade dos assuntos de interesse de poucos com a finalidade de dominar muitos. Nesse contexto, a luta pela audiência é constante e para prender a atenção do público vale tudo, inclusive fazer do conteúdo jornalístico, um grande espetáculo. Acerca disso Antônio Bucci(1998, p. 23) acrescenta que,

Em muitas ocasiões o que ele (jornalismo de televisão) exhibe como informação é pura promoção de espetáculo em assuntos tão diversos quanto saúde, política, meio ambiente ou ciência. O que determina que assim seja não é apenas a troca de favores(de influência, de servidão) entre as empresas de televisão e outros núcleos de poder, mas é principalmente a necessidade do telejornalismo de proporcionar gozo. Cada dia mais, acima da tarefa de buscar e difundir a informação, o telejornalismo se vê forçado a produzir e montar o circo.

A internet nesse contexto, anuncia uma possibilidade de democratização da informação com a exposição e visibilidade de assuntos e personagens distintos e com interesses diferentes também do da classe dominante. Mas, como dito anteriormente, isso ainda é um anúncio de possibilidade de democracia. No caso do jornalismo, por exemplo, a internet vem reconfigurando as rotinas produtivas da notícia, a relação com



o público já passa a ser bidirecional e interativa, porém esses ainda são pequenos passos em um longo caminho para alcançar de fato a cidadania plena que é entendida como democracia na sociedade atual.

Tudo indica que o jornalismo também encantado pela técnica se vê em uma zona de conforto possibilitada pelas técnicas da informação. A possibilidade de produzir notícias e disseminá-la de forma instantânea e planetária aumenta o seu poder dentro de uma sociedade cujo modelo de produção é o capitalismo e o de desenvolvimento é o informacional. O grande problema é que ao que tudo indica o jornalismo também foi aprisionado pela técnica. Ao se adequar aos diferentes meios técnicos, ele vem perdendo a possibilidade e a chance de trabalhar a favor de uma sociedade democrática.

Qual seria o caminho para transformar o jornalismo atual extremamente técnico, que fabrica espetáculos no intuito de tornar público tudo o que favorece o modo de produção capitalista, em um jornalismo que favorecesse uma sociedade mais democrática? Ao que tudo indica, esse caminho se dá por uma formação vertical e sólida desses profissionais, afinal como afirmam os psicólogos Francisco Antonio Pereira Fialho e Gustavo Loureiro Fialho (p.11, 2012)“se a escola é o meio de se perpetuar um sistema, paradoxalmente é o único lócus possível para a ruptura com o mesmo. Toda a mudança é precedida por um movimento educativo”. Na obra Educação do século XXI desafios e perspectivas esses autores trazem no artigo “Formando os magos do amanhã” a denúncia de como as escolas tem ainda contribuído para a repetição, a representação e a opressão, impedindo um processo de singularização e de construção de um sujeito.

No curso de jornalismo, por exemplo, o que na maioria do tempo se ensina é o que já se vê no mercado. Repetem-se os estilos de texto, os formatos dos jornais, as locuções padronizadas, o visual dos jornalistas, dos cenários e até os recursos técnicos quando possível. Pouco se ensina o aluno a ousar e muito se estimula a repetição. As técnicas do jornalismo viram camisas de força aos iniciantes. E se o trabalho do jornalista de hoje se limitar a apenas responder ao lide sem aprofundar discussões, repetir os modelos padrões de produtos jornalísticos já consolidados em uma rotina produtiva marcada por interferências mercadológicas, políticas e econômicas, valorizar a técnica e a tecnologia acima do jornalismo no intuito de espetacularizar notícias para buscar e manter audiência torna-se mesmo necessário colocar em questão a real necessidade de uma formação específica. Nessa perspectiva precisa-se urgente de se

repensar o quanto as matrizes curriculares dos cursos de jornalismo, seus projetos políticos pedagógicos de curso estão impregnadas pelo discurso tecnicista do homem moderno, pela exploração e controle do ser humano.

Outro problema encontrado em grande parte dos cursos de jornalismo se dá pela contaminação da concepção que o homem atual tem sobre a técnica. A valorização da técnica vai parar nas matrizes curriculares em pura consonância com um sistema educacional, que muitas vezes, tem o aluno como cliente. Nos cursos superiores de IES privadas, a fim de manter a clientela e reduzir o índice de evasão por parte dos alunos, as disciplinas práticas, que se apoiam no uso das tecnologias, podem ser cursadas no segundo semestre do curso sem a discussão de teorias indispensáveis para a compreensão da relação entre técnica, jornalismo e qualquer que seja o seu produto final-jornal impresso, revista, webjornal, telejornal, radiojornal. Acerca disso, o jornalista Antônio Brasil (2007, p. 11) traz mais um dado alarmante:

“(...) para aprender o ofício, muitos estudantes se matriculam em cursos universitários duvidosos (...) A maioria desses cursos, tanto os universitários quanto os “milagrosos”, é sem dúvida, muito ruim. Tentam o impossível. Pretendem ensinar a tocar piano sem ter um piano.”

São nesses cursos também que há uma valorização dos laboratórios das práticas jornalísticas muitas vezes como cartão de visita para os alunos ingressantes. Porém, as realidades desses espaços estão longe de ser a ideal. O reduzido número de equipamentos, devido ao alto custo de investimento, geralmente não atende a demanda de alunos. Grande parte deles não experienciam<sup>6</sup> a verdadeira arte de fabricar produtos jornalísticos. Poucos são os produtos jornalísticos elaborados pelos discentes que apresentam ruptura ou novidade em relação aos existentes no mercado. Pouco se estimula o processo de singularização, de estranhamento, de afastamento do que já está dado como modelo e padrão. Além disso, as disciplinas práticas que se utilizam dos laboratórios, geralmente têm cargas horárias insuficientes para uma formação que ultrapasse o conhecimento meramente técnico, impossibilitando o aprofundamento

---

<sup>6</sup>O filósofo Walter Benjamin em seu texto “Experiência e Pobreza” explicita a diferença entre vivência e experiência a fim de denunciar o quanto o homem moderno não mais experiência. Segundo ele, isso é um problema porque somente por meio da experiência o homem é capaz de aprender, compreender e agir de forma consciente e crítica.

teórico em relação à especificidade de cada técnica e muito menos sua interdisciplinaridade com outras disciplinas do curso.

Nessa perspectiva, os cursos de jornalismo estão mais parecendo fábricas, despejando profissionais em série para disputar um lugar no mercado. Estão formando especialistas que não vão além dos recortes de suas áreas e que não conseguem significar o saber por inteiro. Ortega y Gasset (1929) já denunciava essa problemática da especialização:

Dantes os homens podiam facilmente dividir-se em ignorantes e sábios, em mais ou menos sábios ou mais ou menos ignorantes. Mas o especialista não pode ser subsumido por nenhuma destas categorias. Não é um sábio porque ignora tudo quanto não entra na sua especialidade, mas também não é um ignorante porque é “um homem de ciência” e conhece muito bem a pequeníssima parcela do universo em que trabalha. Teremos que dizer que é um sábio-ignorante. – coisa extremamente grave – pois significa que é um senhor que se comportará em todas as questões que ignora, não como um ignorante, mas com toda a petulância de quem, na sua especialidade, é um sábio. (ORTEGAY GASSET, 1929, p. 173-174)

Essa formação com perspectiva de atender a interesses político, econômico, técnico/tecnológico, mercadológico fica bem distante de uma formação que atenda o ser humano. Uma escola com esse projeto seja ela de que nível for – infantil, fundamental, médio, superior – sufoca qualquer possibilidade de uma educação que abra todos os canais para desenvolver inteligências e habilidades, que forme um homem sensível e torne as pessoas cada vez mais livres, singulares e responsáveis.

Levando em conta todo o exposto faz-se necessário urgentemente um curso superior de Jornalismo, cujo papel esteja além do ensino de técnicas e teorias superficiais e desconectadas umas das outras. Afinal, um curso ideal de Jornalismo deve antes de tudo estimular a busca de sua essência, possibilitando estranhamento e consequentes rupturas com o que já está dado, colocando em questão a técnica, as rotinas produtivas da notícia, as interferências organizacionais.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENJAMIN, W.. **Experiência e pobreza**. In: \_\_\_\_\_. Magia e técnica, arte e política, Obras escolhidas I, SP, Ed.Brasiense, 1994.

BRASIL, A. C.. **Antimanual do jornalismo e comunicação. Ensaio crítico sobre jornalismo, televisão e novas tecnologias**. São Paulo: Senac, 2007.

BRUSEKE, F. J.. **A técnica e os riscos da modernidade**. Florianópolis: EDUFSC, 2001.

BUCCI, E.. **Cinco funções quase ideológicas na televisão**. In: Revista Imagens, Campinas/SP: Unicamp, nº 8, maio/agosto 1998.

CHAGAS, C.. **Não ao retrocesso! Formação Superior em Jornalismo: uma exigência que interessa à sociedade**. Florianópolis: FENAJ, 2008.

FIALHO, F. A. P.; FIALHO; G. L.. **Formando os magos do amanhã**. In: Educação no século XXI. Desafios e Perspectivas.

FREIRE, P.; GUIMARÃES, S.. **Sobre educação: diálogos**. Vol. 2, Rio de Janeiro: 1984.

HABERMAS, J.. **Mudança Estrutural da esfera pública: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.

HEIDEGGER, M.. **A questão da técnica**. In: Ensaio e Conferências. Petrópolis: Vozes, 2002.

FOUCAULT, M.. **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

PEIXOTO, J.. **Compreender a técnica**. Anotações de aula. Material exclusivo de circulação interna ao PPGE/PUC GOIÁS. 2012.

ORTEGA Y GASSET. **La rebelión de las masas**. Madrid: Espasa Calpe (1 ed. 1929, 14 ed., 2007).

PENA, F.. **Teoria do Jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2005.

PIZA, J. R.. **Em defesa do jornalismo e da democracia. Formação Superior em Jornalismo: uma exigência que interessa à sociedade**. Florianópolis: FENAJ, 2008.

SANTOS, M.. **Por uma outra globalização. Do pensamento único à consciência universal.** Rio de Janeiro: Record, 2005.

SEABRA, R.. **Produção da Notícia: a redação e o jornalista.** In: DUARTE, Jorge (org.), Assessoria de imprensa e relacionamento com a mídia. Teoria e Prática. São Paulo: Editora Atlas, 2006.

THOMPSON, J. B. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia.** Petrópolis: Vozes, 1998.

Recebido em 27 de maio de 2013.

Aprovado em 14 de junho de 2013.